

Guerrilheiros ou sacerdotes? consciência histórica, identidades e professores de história.

Caroline Pacievitch*
Luis Fernando Cerri (or.)*

Resumo: Esta investigação versa sobre o fenômeno da consciência histórica de professores de história, centralizado no eixo da construção de identidades históricas e profissionais. Objetivos principais: a) compreender os processos de constituição de consciência histórica a partir do caso dos professores de história e b) verificar potencial explicativo destes processos na construção de identidades. A metodologia incluiu fase qualitativa, quando cinco professores de história forneceram seus depoimentos a partir de entrevistas abertas e questionários semi-estruturados e fase quantitativa, em que 67 professores de história foram consultados através de questionário estruturado. Os professores, de modo geral, lançam mão de diferentes estratégias de atribuição de sentido e significado ao tempo vivido e suas experiências, conhecimentos acadêmicos, posições políticas e valores transcendentais articulam-se em suas narrativas de vida e formação.

Palavras-Chave: Consciência história – identidades – formação de professores de história.

Abstract: This work discusses historical consciousness and history teachers' identities. The established work goals are to understand the history teachers' narratives and try to detect the identity construction process by the lights of the historical consciousness theory. The research done has two methodological phases. Phase one: interviews (oral and writing) to five history teachers. Phase two is a survey with 67 history teachers about historical knowledge, politics and religion. The analysis are performed in three moments: a) vertical analysis; b) phase two data quantification and c) horizontal analysis, corresponding to a comparison between vertical analysis and statistics, pretending to make a synthesis. The historical consciousness process is a help to creating historical identities. The predominant type of historical sense generation was the *genetics* and, after that, the *critics*. History teachers use the historical narratives as survival strategies confronting with ambiguities and challenges (professionals), where dreams and contingencies are in the middle of a coherent process.

Key-Words: Historical consciousness – identities – history teachers' formation

Este texto tem por objetivo discutir os resultados alcançados na pesquisa desenvolvida entre 2005 e 2007 no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sobre consciência histórica e identidades de professores de história. O estudo surgiu de interrogações advindas da prática profissional, do processo de formação vivido, da constituição de uma identidade como professora de história e de várias interrogações de cunho teórico referentes ao conceito de consciência histórica.

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Licenciada em História pela UEPG. Professora do curso de Pedagogia das Faculdades Santa Amélia – SECAL e do Colégio Sagrada Família (Ensino Fundamental, Médio e Normal). Agência financiadora: CAPES.
* Doutor em Educação pela Unicamp. Professor do Programa de Mestrado em Educação da UEPG. Professor do Departamento de História da UEPG.

Em debates desenvolvidos no Grupo de Estudos em Didática da História, as compreensões sobre os processos que envolvem a constituição da consciência histórica foram se aprofundando a partir do estudo de Rüsen (2001) e Heller (1993), levando-nos a verificar que um estudo empírico referente aos processos de formação e constituição de identidades de professores de história poderia basear-se na idéia de consciência histórica. Isto porque entendemos este fenômeno como um processo comum a todas as pessoas e que inclui a atribuição de sentido e significado à passagem do tempo a partir da interpretação das limitações e possibilidades que o mundo oferece aos nossos desejos. Os professores de história estão constantemente imersos no contato com o tempo, seja profissionalmente, seja como todas as demais pessoas que se debatem com os problemas do presente, analisam o seu passado ou os passados coletivos e projetam linhas de ação para o futuro. As pessoas são capazes de interpretar e organizar sua história, atribuindo-lhe sentido e significado e orientando-se para a vida prática. Da mesma forma, os processos da consciência histórica levam a conservação ou a transformação de identidades, conforme elas se sintam ameaçadas pelas modificações constantes do mundo moderno.

Existem quatro formas básicas de atribuição de sentido e significado ao tempo: *tradicional, exemplar, crítica e genética* (Rüsen, 2001). Estas quatro formas diferem qualitativamente entre si e não significam níveis ou estágios obrigatórios, são construtos teóricos de caráter auxiliar à pesquisa empírica. As diferentes formas podem aparecer numa mesma narrativa, como auxiliares umas das outras e, principalmente, como formas mais adequadas encontradas pelo indivíduo para cada situação. A **narrativa** também é um elemento importante dentro do estudo empírico da consciência histórica, pois a forma que encontramos para organizar e expressar nossa consciência histórica é a narrativa de caráter histórico, ou seja, que leva em consideração as três dimensões temporais e tem como objetivo final a orientação para a vida prática.

De posse de um debate teórico sobre consciência histórica, identidades (Bauman, 2005; Silva, 2000) e formação de professores (Zavala, 2005; Josso, 1999), partimos para a construção do instrumental metodológico. O professor não é só alguém que conhece história e sua história, mas alguém que manipula, trabalha, absorve, imita e reconstrói estereótipos, modelos, papéis e decisões pessoais a partir dos seus processos de constituição de sentido. Tudo isso, cremos, expressa-se na forma de narrativa histórica. Por isso, objetivando conhecer melhor estes complexos fenômenos intimamente ligados, elaboramos diferentes instrumentos que poderiam nos levar para mais perto da compreensão almejada.

Optamos por dividir a pesquisa em duas fases. Na primeira, foram entrevistados em profundidade cinco professores de história. Três de forma presencial (entrevistas orais, gravadas, transcritas e devidamente autorizadas) e dois de forma virtual (estes, através de correio eletrônico e algumas trocas por correio comum, também devidamente autorizadas). Estes cinco professores responderam a três instrumentos diferentes. No primeiro, preenchiam dados pessoais, referentes à formação institucional, tempo de serviço, filiação política, religiosa ou a movimentos sociais, etc. No segundo, os professores respondiam, oralmente ou por escrito, a diversas perguntas em forma de narrativa. Procuravam contar partes de sua infância, adolescência e trajetória de formação, debatiam temas recentes referentes à educação em geral e refletiam sobre o conhecimento histórico em sua vida cotidiana e na vida profissional. O terceiro questionário constava de três pequenas narrativas que necessitavam de uma tomada de posição por parte do professor. Havia quatro alternativas para posicionar-se, cada uma delas referente a um dos níveis de atribuição de sentido (Rüsen, 2001) e também a opção de escrever um posicionamento próprio.

Na fase dois, foram entrevistados 67 professores de história da rede pública estadual do município de Ponta Grossa, que responderam a um questionário que incluía perguntas sobre a relação dos professores com o conhecimento histórico, seu posicionamento político e religioso, além de breves reflexões sobre a influência de seus posicionamentos no cotidiano de sala de aula. Os dados obtidos nesta fase foram transformados em gráficos e tabelas.

Os dados obtidos na fase 1 foram organizados e discutidos isoladamente, num primeiro momento, realizando a análise vertical. As características básicas de cada professor eram as seguintes:

Sujeito	Nascimento	Estado Civil	Moradia atual	Cidade de origem	Tempo de atuação
Ernesto	1981	Amasiado	Porto Alegre	Rio de Janeiro	1 ano - pública
André	1967	Solteiro	Florianópolis	Florianópolis	10 anos – pública 7 anos - particular
Sofia	1947	Viúva	Ponta Grossa	Ourinhos (SP)	25 anos - pública
Olga	1965	Viúva	Ponta Grossa	Teixeira Soares	20 anos - pública
Ester	1967	Casada	Ponta Grossa	Ponta Grossa	15 anos – particular 1 ano - pública

Graduação	Pós-Graduação	Participação política	Participação religiosa	Obras citadas
2005 - UFF	-----	Não, mas com intenção	Não	Memórias póstumas de Brás Cubas e Microfísica do Poder
1996 - UFSC	Mestrado, UFSC, 2000	Não	Não (católico não-praticante)	----- -----
1971 - UEPG	UFPR	Não	Sim (católica praticante)	----- -----
2001 - Unicentro	Especialização Univale	Sim (MST, PT e ONGs)	Não é católica, mas participa de Pastorais	O Código da Vinci, Dalai Lama, Maleus Maleficarum, etc.
1990 - UEPG	Especialização 2006 - ESAP	Não	Sim (católica praticante)	Mestre dos Mestres, Mestre do Amor (livros), A força de um jovem (filme)

Nestas duas tabelas, observamos a heterogeneidade no perfil de cada professor, que era um dos critérios que almejávamos ao escolher os entrevistados. Além da fase da vida profissional, analisamos individualmente que momentos pessoais ou historiográficos os professores citavam como mais importantes em suas vidas e seus conceitos sobre saber histórico e processo histórico. Além disso, procuramos alocar cada professor no nível de consciência histórica que parecesse mais adequado à estrutura de sua narrativa (tradicional, exemplar, crítica ou genética), ressaltando as formas mescladas e auxiliares – que são as que aparecem com mais frequência. Destacamos, para além mera participação política e religiosa, o significado que cada um atribui a essa participação. Por fim, tentamos sintetizar o grau de auto-inserção de cada professor na conjuntividade e na personalidade¹, conduzindo assim para os principais pilares de sustentação (ou de dúvida) de suas identidades.

O que nós visualizamos nos depoimentos foi a tentativa, por parte dos professores, de expressar à pesquisadora uma narrativa em que as contradições apareçam da forma mais coerente possível. Conflitos que poderiam ser esperados entre conhecimento científico e crença religiosa, utopia e realidade, conhecimento acadêmico e prática profissional, estereótipo e vivências, no final acabam surgindo como problemas resolvidos ou em vias de resolução, na maioria dos casos. A exceção é Olga, em que o conflito sonho e realidade é

¹ Conceitos de Agnes Heller (1993) utilizados por nós como complementares à idéia de motivação para a ação e de identidade existentes na consciência histórica e que apontam o quanto o professor considera sua individualidade inserida na coletividade humana, tendo em vista a Responsabilidade de agir e participar nas mudanças urgentes que a sociedade exige.

assumido como parte da sua própria identidade, embora traga em si constantes situações de angústia. Outro caso interessante é o de André, em que há descontentamento com a profissão em geral, sem que isso leve à problematização da sua prática específica – pelo menos, não no depoimento. Já nos demais casos, percebe-se que os professores fazem o possível para não cair em contradição, principalmente quando se discutem as questões da religiosidade frente ao conhecimento científico. Nota-se a tentativa de apropriar-se das duas influências, fazendo com que elas se unam ao invés de brigarem, mesmo que à custa de pressupostos epistemológicos do conhecimento científico e de dogmas religiosos. Estratégias semelhantes (e outras) para esta conciliação surgem também nos dados quantitativos.

Os dados quantitativos que optamos por expor neste artigo dizem respeito à relação do professor de história com o conhecimento histórico e com a religiosidade. Por isso, separamos dois gráficos que são fundamentais para o entendimento desta problemática – que não era esperada no início do trabalho e que acabou por se colocar como uma das interrogações fundamentais. O primeiro gráfico mostra as relações que os próprios professores de história dizem existir entre o conhecimento histórico e sua vida de maneira geral.

Gráfico 1: O papel do conhecimento histórico na vida do professor de história.



A categoria que mais recebeu remissões – “Compreensão de dinâmicas sociais, econômicas e culturais” – beira à obviedade, mas é interessante ressaltar que o professor destacou o que o diferencia dos outros, não apenas por ser docente de outra especialidade, mas como alguém que entende a sociedade em sua volta de forma especial. Esta categoria

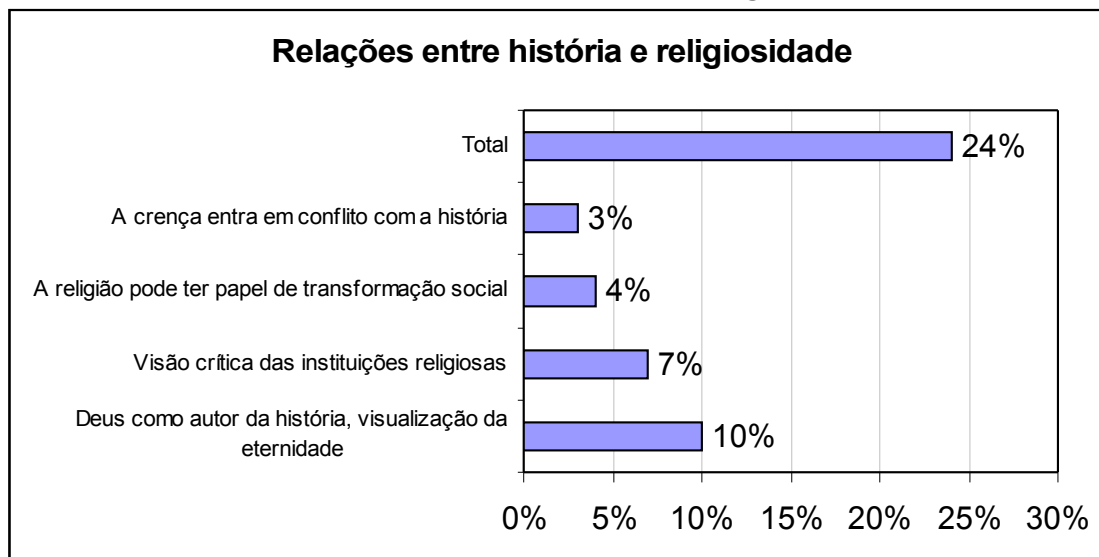
veio constantemente aliada com a de “Desenvolvimento do senso crítico” e da “Composição de visão de mundo”, por aqueles que desejaram demonstrar que não só poderiam conhecer, como também intervir mais no mundo, inclusive cotidiano. A maioria dos professores interligou a informação como necessária para a crítica e, inclusive, para a atuação na sociedade. De 67 professores questionados, sete deles afirmam que a história (ou o curso de História) lhes ajudou a fortalecer e guiar sua consciência política. Já seis professores elegeram como um dos principais papéis do conhecimento histórico a tolerância e a diminuição do preconceito com relação a outras religiões, etnias e culturas. Por fim, cinco docentes fizeram remissões diretas a uma das funções da consciência histórica conforme Rüsen e Agnes Heller: a orientação para a tomada de decisões na vida prática.

Com relação à religiosidade, dos 67 professores de história pesquisados, 51% declararam-se católicos, 21% disseram cultivar espiritualidade independente de religiões, 16% escreveram outras religiões e 10% nomearam-se kardecistas ou espíritas. Portanto, temos uma maioria católica, cercada de um número grande de professores que também afirmam cultivar certa religiosidade e/ou espiritualidade. O que nos interessa, deste quadro, é verificar o quanto os professores de história declaram a religiosidade interferir no seu trabalho cotidiano.

Do total de professores, 61% acreditam que o posicionamento religioso influencia no seu ideal e na sua prática docente e 33% negam essa influência. As justificativas com relação a isto são as mais diversas possíveis: o desenvolvimento de valores, o respeito à diversidade religiosa, um alívio para os problemas cotidianos (principalmente o enfrentamento com os alunos) e o aumento do comprometimento com seu trabalho. Interessante notar que as duas últimas justificativas são opostas: enquanto uma encara a religião como um refúgio da conturbada vida de professor, outra a entende como uma ligação íntima entre o compromisso político e profissional do ser professor de história. Uma análise mais apurada nos levou a constatar que *refúgio* é a justificativa favorita de professores espíritas, enquanto que parte dos católicos e evangélicos une *missão, profissão e utopia* em favor dos menos favorecidos. Seria preciso uma metodologia específica de investigação para verificar se isto não passa de coincidência ou se é mais um dado que aponta para as íntimas relações entre religião, utopia e conhecimento histórico, como veremos nas análises finais.

Ainda gostaríamos de destacar um segundo gráfico. Nele, isolamos aqueles questionários em que existia algum tipo de remissão às relações entre conhecimento histórico e religiosidade:

Gráfico 2: Relações entre história e religiosidade.



No gráfico 2, vemos que, ao todo, 17 professores fizeram menções à religiosidade em relação à história (significando 24% dos respondentes) e 10% deles (7 indivíduos) afirmaram que Deus, de alguma forma, interfere na História. A vida cotidiana (as histórias pessoais e mesmo a da humanidade) passa a agregar também o tempo da eternidade e razões transcendentais são evocadas para justificar atitudes ou projetar um futuro melhor. Segundo alguns professores, não há como separar o ideal político do religioso e profissional, nem se compreende a história sem uma visão da eternidade guiada por um ser supremo. As diferenças nas interpretações do processo histórico entre espíritas e católicos e evangélicos indicam que o credo religioso, por possuir também sua teleologia e sua interpretação da sociedade, pode funcionar como um eixo importante de atribuição de sentido e significado ao tempo, ou seja, ser um auxiliar da consciência histórica. Em algumas situações, o sentido atribuído com a ajuda do transcendente pode ser mais valioso até do que aquele efetivado a partir dos conhecimentos históricos (acadêmicos ou não).

Com estes poucos dados levantados, espero ter demonstrado que o conhecimento histórico e a religiosidade são dois elementos estreitamente relacionados dentro das formas de atribuir sentido e significado ao tempo e, conseqüentemente, de construção de identidades dos professores de história. Muito provavelmente, este processo desenvolvido pela consciência histórica é um grande balizador das ações dos professores. Assim, se Rösen (2001) e Heller

(1993) entendem a consciência histórica como orientadora temporal, motivadora de ações, mantenedora de identidades e filtro a partir do qual passam os julgamentos de cunho moral, nas narrativas desses professores isto se confirma. Ademais, entram aí as utopias, as crenças, as convicções filosóficas e os valores que cada professor, de acordo com a interpretação que faz de sua trajetória de vida (e de “outros” também), cria e assume como orientadores de sua vida prática.

Constatou-se que os professores, de maneira geral, lançam mão de três pilares de sentido que possuem estruturas temporais diferentes entre si: o conhecimento histórico, a utopia política e a religiosidade, freqüentemente ordenados num todo temporal coerente. Cada unidade de sentido auxilia a sustentar a outra criando estratégias de ação que permitam manter (ou modificar) sua identidade frente às mudanças. Os papéis não se reduzem ao sacerdócio ou à militância diante dos problemas educacionais, mas a formas complexas e idiossincráticas de significação que se apóiam em aspectos selecionados de cada unidade de sentido. Assim, os professores que consideram a história importante para a definição de seus papéis políticos podem afirmar que lutam pela transformação social e, por conseqüência, que a religião os impulsiona a seguir por este caminho. Adota-se de cada eixo de sentido aquilo que se encaixa coerentemente aos demais elementos da narrativa que envolvem o problema específico. Predomina, na maior parte das vezes, a compreensão do processo histórico sobre a utopia e a religiosidade.

Religiosidade, mobilização política e paixão pelo conhecimento histórico não se apresentaram como estruturas cognitivas ou emocionais inconciliáveis, mas sim a partir de situações extremamente complexas. Sendo a consciência histórica a responsável por estabelecer sentido, considera-se que ela tem muitas possibilidades de cumprir com o seu papel, pois estes professores, na maioria dos casos, realizam esta tarefa com sucesso. São capazes de fazer com que a “*ambivalência*” e a instabilidade das identidades pós-modernas (BAUMAN, 2005) recebam apoio para sustentar o *self* da maneira mais coerente possível (RÜSEN, 2001).

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

DIAS-DA-SILVA, Maria Helena Galvão F. O professor e seu desenvolvimento profissional: Superando a concepção do algeoz incompetente. **Cadernos CEDES**. Campinas, v. 19, n. 44, 1998.

FONSECA, Selva G. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. 2ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira L. Louro. 3ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Tradução de Dílson B. de F. Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993, p. 9-92.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n.2, p.11-23, jul./dez. 1999.

RÜSEN, Jörn (a). **Razão histórica** – Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

SILVA, Edson Armando. **Identidades franciscanas no Brasil**: a província da Imaculada Conceição – entre a Restauração e o Vaticano II. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2000.

ZAVALA, Ana & SCOTTI, Magdalena (comps.). **Historias de la enseñanza de historia**: relatos que son... teorías. Montevideo: CLAEH, 2005.